

NO MEU BAIRRO TEM, E NÃO TEM: A EDUCOMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL

JEFFERSON PERLEBERG RUBIRA¹; MARIANA HALLAL²; MARINA AMARAL³; SILVIA MEIRELLES LEITE⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – jeffopr@gmail.com;

²Universidade Federal de Pelotas – hallalmariana@gmail.com;

³Universidade Federal de Pelotas – marina_amaral3@hotmail.com;

⁴Universidade Federal de Pelotas – silviameirelles@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A educomunicação é um campo de estudo que correlaciona duas áreas: a comunicação e a educação. É importante destacar a necessidade de um diálogo entre os conhecimentos distintos, não um embate, fator evidenciado por teóricos como Freire (1981) e Kaplún (1998), que vinculam “espaços do contexto sociocultural, da comunicação e educação como uma relação, não como área que deva ter seu objeto disputado” (SOARES, 2000, p.20).

Um dos principais estudiosos da educomunicação, Ismar Soares (2000), ainda aponta que o processo comunicativo em si, faz parte de um coeficiente da educação, todavia a educomunicação se encarrega da relação dos dois campos. Desta forma, ele também destaca que “a comunicação passa a ser vista como relação, como modo dialógico de interação do agir educacional” (SOARES, 2000, p.19-20).

Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressitoados a partir de um projeto pedagógico mais amplo (SOARES, 2000, p.20).

Assim, com base no referencial da educomunicação, este trabalho busca apresentar o jornalismo como ferramenta de transformação social e de consciência cidadã. Para tanto, foi desenvolvido o projeto intitulado “No meu bairro tem, e não tem”.

O projeto foi realizado com crianças da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Independência, localizada no loteamento Sítio Floresta, bairro Três Vendas, Pelotas/RS. A localidade fica a dez quilômetros de distância do centro da cidade - aproximadamente 20 minutos de carro. Raramente é pautada na mídia local, muito menos regional ou estadual. Por conta disto, muitas pessoas desconhecem a localidade e muitos pelotenses não sabem o que ela tem a oferecer e nem quais são suas necessidades.

Nos últimos anos, um residencial do programa Minha Casa, Minha Vida foi construído no bairro e aumentou a população em cerca de duas mil pessoas. Com isso, a necessidade por infraestrutura básica (como escolas, postos de saúde e pavimentação) tornou-se ainda mais urgente. A escola trabalhada é a única pública existente. Uma escola de educação infantil está sendo construída, entretanto o relato dos moradores é que a obra está paralisada há mais de dois anos.

A turma trabalhada possui 25 alunos do 4º ano, que têm idades entre 10 e 12 anos, estudantes do período da manhã. À tarde, alguns têm atividades na Associação de Moradores do bairro, onde funcionam projetos da Prefeitura, um Centro de Tradições Gaúchas (CTG) e outros eventos.

Inserido neste cenário, o projeto tem como objetivo apresentar o jornalismo aos alunos como uma ferramenta que pode auxiliar a transformar sua realidade. Todos os dias, eles precisam enfrentar ruas extremamente esburacadas para chegar à escola e, quando chove, o trajeto fica impossível de ser vencido em certos trechos. A EMEF Independência está lotada e a Unidade Básica de Saúde (UBS) trabalha no limite de sua capacidade. Apesar disso, os estudantes relatam que o Sítio Floresta tem muitas coisas positivas para oferecer aos pelotenses, como as praças e a própria Associação de Moradores.

A intenção do projeto é possibilitar que os alunos percebam o jornalismo como uma forma de expor sua rotina, de mostrar à comunidade e às autoridades os problemas que enfrentam diariamente e também atrair pessoas para conhecerem o Sítio Floresta, mostrar o que o bairro tem, e não tem.

A importância dessa proposta se traduz na possibilidade de os alunos, seus pais e professores terem uma forma de lutar por mais condições e investimentos no bairro. Além disso, integra as famílias, uma vez que o trabalho é desenvolvido em parceria entre os alunos e seus responsáveis. A comunidade será envolvida em uma fase final do projeto, quando os participantes irão exibir a sua produção a todos os moradores.

2. METODOLOGIA

O projeto contemplou dois encontros, dividindo-se assim, em duas etapas: 1) Educação para a Comunicação, com a análise de notícias sobre o Sítio Floresta veiculadas em jornais locais, e 2) Produção de conteúdo audiovisual sobre a localidade. Para isso, o trabalho utilizou os princípios de referencial teórico-metodológico da “Educação para Comunicação”, apresentada por Soares (2000). O autor aponta reflexões em torno dos produtores e sua relação no processo de produção e recepção das mensagens na comunicação, assim como, no campo pedagógico.

Na primeira etapa foram reunidas reportagens em vídeo sobre o Sítio Floresta veiculadas à mídia local. Não foi encontrado material recente. Antes de exibir os vídeos, as crianças foram questionadas sobre sua compreensão do que é jornalismo e se elas acompanham notícias. Todas conheciam exemplos jornalísticos e apenas cinco relataram não ver ou não ler jornais em casa. A maioria dos estudantes foi complacente e se mostraram receptivos às perguntas, falando bastante. Quando perguntados sobre o que é jornalismo, responderam: *“É quem fala as notícias”*; *“É quem diz o que tá acontecendo”*; *“É a moça da televisão”*.

Foi também mostrado um exemplar do jornal Diário Popular e todos da turma afirmaram conhecer. Para a pesquisa foram encontradas apenas quatro reportagens telejornalísticas, o que demonstra a falta de representatividade do bairro, sendo escolhidas duas produzidas pelo programa Nativa 12 Horas em 2011 e 2012. Ambas as reportagens tratavam de problemas estruturais do bairro, a primeira sobre uma ponte de madeira intransitável e a falta de iluminação, a segunda mostrou as ruas em péssimas condições após reparos no encanamento.

Depois da exibição das reportagens os alunos foram questionados se já tinham visto alguma coisa sobre o Sítio Floresta nos meios de comunicação. Dentre os 25 alunos participantes, apenas dois afirmaram já ter visto e um menino respondeu, que a reportagem era sobre um assalto. Quando questionados sobre o teor da reportagem exibida, relataram falar somente de coisas ruins. Sobre as ruas mostradas no vídeo falaram: *“Uma é aqui perto e não é mais assim, é melhor”*; *“A outra quando chove ainda alaga”*; *“Fizeram o viaduto e melhorou a*

entrada". Os alunos ainda apontaram a cobertura jornalística como um dos fatores que contribuíram para os problemas serem resolvidos.

Após a exibição foi comentado que o jornalismo também tem o papel de denunciar os problemas e cobrar soluções dos responsáveis. A intenção da pesquisa foi de não abordar a construção da notícia ou seus critérios de noticiabilidade, mas de apresentar a função social da profissão, de mobilização e denúncia de irregularidades.

Na segunda parte da pesquisa foi utilizado outro enfoque da educomunicação, a mediação tecnológica na educação. A autora Lígia Almeida evidencia a eficácia dos meios de comunicação que permitem ao educador utilizar a tecnologia que "pode colaborar com a aprendizagem, com a criação, assimilação e gestão do conhecimento na perspectiva da cidadania, do desenvolvimento e da solidariedade", desde que se parta "da premissa de que a aprendizagem constante, social e universal mantém estreita relação com a ampliação da inteligência coletiva" (ALMEIDA, 2016, p.24).

O formato escolhido para a produção dos estudantes foi o vídeo, que já é explorado por eles no cotidiano. Para tanto, foram usadas as câmeras de aparelhos celulares. O tempo para a realização do projeto foi curto e a linguagem audiovisual foi a mais adequada às crianças em relação a textos escritos. Também foi aproveitado o canal de comunicação existente entre a professora da turma e os pais dos alunos para desenvolver o trabalho.

Logo ao fim do primeiro encontro foi apresentado o jornalismo aos alunos e feito convite para a produção do seu próprio material sobre o Sítio Floresta. Foram solicitados vídeos curtos apresentando pontos positivos e negativos do bairro, elementos que tivessem e que não tivessem na localidade. As imagens deveriam ser captadas na horizontal e eles deveriam estar na companhia de algum responsável na hora da gravação. Mas, sobretudo, de forma livre, alguns fizeram em grupo, mas a maioria preferiu fazer sozinho.

Quase todas as crianças apareceram no vídeo, como se estivessem realmente apresentando a sua matéria, o seu bairro. A maior parte das falas estava ensaiada e planejada, os alunos pareciam muito confortáveis com a produção. Os pais enviaram os vídeos produzidos para a professora da escola, que encaminhou para a pesquisa. No total, foram 36 vídeos de 15 alunos. Um relato da professora da turma foi de que o trabalho causou uma grande mobilização entre os pais, chegando os mesmos a pedir mais prazo por conta da chuva no período, que impossibilitou muitas gravações de vídeos.

Após uma edição prévia, o vídeo¹ foi apresentado aos alunos da escola para receber sugestões. A qualidade do áudio foi um dos poucos pontos comentados entre os estudantes. O vídeo foi legendado para facilitar a compreensão, resolvendo a falha do áudio. O produto final é uma espécie de "grito" da comunidade, onde os participantes encontraram uma chance de serem vistos e ouvidos pela comunidade e pelas autoridades. Uma oportunidade de expor os problemas, mas também de mostrar as coisas boas que o Sítio Floresta pode proporcionar.

Por sugestão da professora da turma, o vídeo também foi exibido à comunidade em uma confraternização na própria escola, com a presença de representantes da Associação dos Moradores, da imprensa e de familiares. Na solenidade foram entregues troféus a dois alunos destaques e medalhas a todos estudantes.

¹ O Vídeo pode ser acessado em: <https://youtu.be/R0Ray6051r4>

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos objetivos do projeto foi mostrar aos alunos que o jornalismo pode ser um grande aliado para mostrar a realidade em que vivem e cobrar mais investimentos do poder público. Por meio da exibição das reportagens, os estudantes acabaram compreendendo um exemplo prático de intervenção do jornalismo na comunidade onde vivem.

Os alunos ficaram felizes e empolgados com a possibilidade de mostrar a todo mundo o seu bairro, de contar as coisas que gostam de fazer. O jornalista enquanto contador de histórias também foi apresentado a eles, mesmo que indiretamente. A oportunidade também serviu para desmistificar o jornalismo e explicar a sua importância para as crianças e seus responsáveis, que foram fundamentais na hora de gravar os depoimentos. Eles viram o projeto como uma chance de serem ouvidos, de mostrarem o que querem para o bairro, o que o seu bairro tem a oferecer à comunidade pelotense.

Acima de tudo, o projeto foi uma forma de democratizar a comunicação. Os moradores de localidades afastadas do centro da cidade, como o Sítio Floresta, muitas vezes são esquecidos, tanto pelo poder público, quanto pela mídia. Suas demandas ficam restritas ao bairro e não chegam aos responsáveis por resolvê-las. Os pontos positivos do local também ficam restritos a eles, uma parte muito pequena da comunidade pelotense conhece e desfruta do bairro. O trabalho abriu um canal de comunicação entre o Sítio Floresta e o resto da cidade.

4. CONCLUSÕES

Por meio deste projeto foi observado que o jornalismo deve se aproximar ao máximo das diferentes localidades do município, não só de centros urbanos. Muitas vezes o jornalista fica preso à redação e ao local onde ela está inserida e tem dificuldades de olhar para o restante da cidade, ir a um lugar que não faz parte da sua rotina e ouvir suas demandas.

A comunicação pode ser ferramenta num processo educativo. E também ser um caminho para a mobilização social em prol de causas e reivindicações. Assim, esse trabalho pode contribuir para futuros projetos de educomunicação em escolas, bairros, associações comunitárias, investindo na utilização de ferramentas digitais e da comunicação como objeto de transformação social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOARES, I. de O. Educomunicação: um campo de mediações. Comunicação & Educação, São Paulo n. 19, p. 12-24, set./dez. 2000.

_____, I. de O. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. Comunicação & Educação, São Paulo, n. 23, p. 16 – 25. jan./abr. 2002.

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. PROJETOS DE INTERVENÇÃO EM EDUCOMUNICAÇÃO. Campina Grande/PB, v 1.6 - 24 ago 2016. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/course/view.php?id=8451> Acesso em: 13/09/2019.

KAPLUN, Mário. Processos educarivos e canais de comunicação. Comunicação & Educação. São Paulo: CCA- ECA-USPI Moderna, n. 14, jan/abr.1999. p.68-75.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.